



DISCIPLINA E ETIQUETA

Um combatente indisciplinado esquece o inimigo para guerrear contra o seu próprio acampamento.

Juahrez Alves

Em um contexto liberal e moderno, nitidamente mercantil é natural a ausência de disciplina e etiqueta. Esta afirmação poderá ser arrogante para alguns que afirmarão: *Será que aquele gajo se julga mais disciplinado e educado que eu? Quem é ele para me dar lições de moral?*

Gostaria aqui de referir que não me considero melhor nem pior, quando muito diferente, como se diz na tropa que tive a oportunidade de fazer e onde aprendi e desaprendi. E em que é que reside a diferença (quando ela existe)? Na vivência de momentos que me ensinaram comportamentos. Nem sempre é fácil ser-se correcto, e naturalmente erramos com frequência porque isso faz parte do processo de aprendizagem, mas não é bom que os actos se eternizem pois de factos momentâneos passam a tornarem-se aspectos do carácter. A disciplina reside, no meu ponto de vista, numa postura de auto-consciência e auto-correcção na direcção daquilo que pretendemos para nós, não é claramente aquilo que nos apetece no momento. A auto-disciplina é um processo mental e físico (não vou aqui abordar o lado espiritual) intenso, doloroso e extremamente dependente de uma auto-observação constante. Para não ir longe gostaria aqui de referir que me foi transmitido que Ueshiba autorizava que os seus alunos o pudessem atacar em qualquer momento, mesmo fora das aulas ... masoquismo? Não me parece.

A etiqueta é claramente um reflexo da disciplina. Hoje tudo é possível e os alunos ou candidatos a alunos consideram que as coisas são assim como eles gostam ou então ... Não há possibilidade de se estabelecer princípios de educação, e quando falo nela é na sua visão integral, não só na parte do conhecimento técnico, pois sem um esforço constante do aluno olhar e autocorrigir-se, estar vigilante e reflectir em cada coisa que diz ou faz, nada de sério se realiza. Esse esforço constante, com o tempo atenua-se e torna-se uma segunda natureza da pessoa, mas nem todos conseguem lá chegar e escusam de sorrir aqueles que lêem o texto, pensando que são imunes. Experimentem.

No processo de relação senpai kohai hoje, os atropelos e as barbaridades dá para pôr os cabelos em pé até a um senpai careca. A ligeireza com que se age, se dirige ao senpai ou como agimos, dentro e fora dos tatamis, demonstra claramente que não vivemos as Artes Marciais mas uma qualquer actividade lúdica. Ao primeiro sinal de desrespeito, e de desrespeito falo de coisas que hoje a maioria não consegue as ver como isso, porque vivem numa sociedade onde não há respeito, o aluno era convidado a sair quase sempre definitivamente ou então levava um estalo e calava-se ... UM ESTALO? Perguntam os “defensores dos direitos” humanos ... SIM, UM ESTALO, afirmo eu.

Não sou apologista de violência, aliás abomino a violência nomeadamente a gratuita que hoje abunda por ai e naquilo que se chama Artes Marciais e naqueles que se julgam atletas e grandes praticantes quando nem uma sanita sabem usar, que têm professores que não sabem o que limpeza



dos tatamis, mas a verdade é que a educação do carácter de um jovem obriga por vezes a ter de ultrapassar a fase do “armário” ... só com palavras mansas? Por vezes resulta, outras nem por isso. Isto aplicasse também a adultos que por vezes são mais imaturos que os adolescentes.

Uma Koryu deve ser um local onde a disciplina e a etiqueta são o inicio de tudo e se julgarem o contrário ... há os ginásios, as versões softcore e os delírios ...

Ser-se guerreiro é algo sério, não é para todos e não se resume a ver a internet, pelo contrário, é esquecer o que se sabe, esvaziar a chávena, como diz o mestre de Chanoyu, e enchê-la de novo, de boas vivências.

Lisboa, 31 de Julho de 2013